

Nos Jardins da Independência

Na minha cabeça, a ideia de uma visita a um museu é inseparável da idade da inocência. Talvez pelo fato de que as escolas, nos primeiros anos de ensino, são as principais responsáveis por organizar os passeios a esse tipo de guardião da memória.

Se esta é uma generalização sem fundamento, não sei. Mas foi exatamente isso o que aconteceu comigo. Já aviso que... faz muito tempo! Estava no segundo ano do primário, quando fomos de ônibus ao Museu do Ipiranga. Perto do muito que vimos, lembro-me de poucas coisas com nitidez: das espadas de D. Pedro I, da cama imperial, de peças de vestuário feminino.

Entretanto, lembro-me, principalmente, de uns globos, uma bolas contendo as águas dos grandes rios do Brasil. Havia globos contendo as águas dos rios Tocantins, São Francisco, Amazonas, Rio Negro e Solimões, entre outros. Ficavam ao lado dos corrimãos da escadaria principal, da imponente e bela escadaria. Mas, já naquela época, alguns globos estavam vazios, as águas tinham vazado de alguma forma, e outros encontravam-se preenchidos pela metade.

Existe apenas uma lembrança extraordinária, ainda viva, que se mescla a uma dúvida: aquela cabeça de índio empalhada, que tanto me chocou à época, ainda estaria exposta numa de suas salas? Ou ela foi só uma construção da minha imaginação ativa?

Paradoxalmente, a lembrança mais viva se deu nos jardins. E olhe que esse fato aconteceu três ou quatro anos antes da visita ao museu, quando uma sinusite crônica, adesiva e persistente, obrigava minha mãe a me carregar até o Sanatorinhos, à rua dos Patriotas, ali perto, para sessões de inalação sem fim.

Por um motivo que desconheço – talvez esperar o horário para atendimento médico – minha mãe me levava até um banco no meio do jardim do Parque da Independência para esperarmos pela consulta. Gostava desses momentos porque eram os momentos em que minha mãe podia brincar comigo, só comigo, sem ter de dividi-la com os afazeres da casa ou com parentes que nos visitavam ou com suas próprias preocupações. Ela escondia o rosto entre as mãos e eu ia me esconder atrás dos arbustos ornamentais. Algumas vezes, ela me incentivava a ir brincar sozinha, a desbravar os caminhos que delimitavam os canteiros. Mas não conseguia ir muito longe. Eu gostava de ficar perto dela, de ver seu sorriso quando ela “me achava” atrás de uma árvore, fingindo-se surpresa. Talvez ela incentivasse minha independência, porque eu era muito agarrada a ela, como a sinusite a mim.

Depois que cresci um pouco, a ponto de conhecer a história de minha mãe, soube que naquela época, em que eu lutava para me ver livre da sinusite, ela lutava contra a depressão pela morte de sua própria mãe. Dar-me um pouco mais de liberdade, incentivar-me a brincar sozinha nos jardins do museu, era também ganhar um pouco de liberdade e poder lamentar silenciosamente a perda da mãe.

Quando tive meu filho, levei-o ao museu, mas por duas ou três vezes, encontrei-o fechado para reforma. Muita coincidência! Se bem que certos psicólogos garantem que não há coincidências. Não perdi a viagem. Levei meu filho aos jardins do museu e quis reproduzir com ele, o sentimento de intimidade, de carinho que tive com minha mãe, e que ainda ecoava em meu coração.

Não precisei incentivá-lo a perder-se no meio dos arbustos. Ele nasceu com esse senso de independência, esse gosto por desbravar lugares, conhecer pessoas e perseguir

pombos. Lá fui eu refrear seu instinto. Parecia até que se divertia de ver minha cara de desespero ao encontrá-lo tão à vontade naqueles canteiros, nos mesmos canteiros que eu, timidamente, arrisquei um dia pisar.

Talvez os psicólogos estejam certos. Não há coincidências. A impressão daqueles dias nos jardins da minha infância marcou indelévelmente minha história. E visitava o museu quando estava fechado porque queria, em seu jardim, fazer aqueles momentos recheados de afeto perpetuarem-se também, à seu modo, na memória do meu filho, marcando para sempre sua história.

A memória é um tipo de museu, mas, às vezes, a cabeça da gente vira palha, como a daquele índio, e a memória se esvai. E é por isso que existem museus: para preservar a memória de seu povo, seus objetos, seus valores, para lembrarmos de pessoas que fizeram a diferença no mundo e mudaram os acontecimentos. De uma forma alusiva, os museus também perdem suas memórias – ao menos, temporariamente – quando, por exemplo, fecham suas portas para reformas.

Agora é a vez do meu filho levar seu próprio filho para conhecer o Museu do Ipiranga. Já combinaram o dia. Ah! Meu filho garantiu que o museu estará fechado para obras de restauro e modernização: checkou pela internet.

Ainda não será desta vez que vou confirmar se a cabeça de índio ainda está lá, nas salas do Museu do Ipiranga. Mas é claro que filho e neto vão desbravar os caminhos do Parque da Independência. Senti uma vontade de ir junto com eles, mas contive-me. Agora é a vez deles! Os dois vão brincar como quiserem, vão observar o que tiverem vontade de observar, vão construir juntos uma memória e uma história só deles, com toda a liberdade que conseguirem conquistar!